

Três meses após cheias, comércio do Centro ressurgiu com aposta na diversificação



Orides Selau, 62 anos, é gerente há mais de 40 de uma casa de vestuário masculino fundada em 1935 e, segundo ele, na loja da Otávio Rocha, fechamento jamais foi opção

Região da Capital ficou quase 30 dias submersa em maio, em razão da enchente que atingiu o Estado. **Entre empresas fechadas** e empreendimentos que retomaram as atividades, bairro volta a apresentar oportunidades. Grande parte dos 8 mil negócios atingidos já voltou às operações

Comércio do Centro ressurgiu em meio a relatos de resiliência

Luiz Dibe
luiz.dibe@zerohora.com.br

Há três meses, a água, a lama e o forte odor do Guaíba avançavam diferentes regiões de Porto Alegre – de Norte a Sul. Uma das áreas mais atingidas, o Centro Histórico tem passado por uma evidente mudança de cenário nesses dias que sucederam a maior enchente da história da Capital, durante a qual o bairro ficou submerso por quase 30 dias.

– O Centro é o ambiente mais sortido e consolidado para o atendimento às demandas de consumo da população. O ano passado já vinha indicando um cenário de recuperação. Junho, após a calamidade, teve movimentação animadora.

São sinais de retomada que nos deixam otimistas – pontua a secretária municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo, Júlia Tavares.

Conforme a prefeitura e o Sindilójas, grande parte dos mais de 8 mil negócios afetados na região já voltou às atividades. Um deles foi o restaurante de João Vitor Karr, 28 anos, que cita a esperança com o futuro do estabelecimento após o fechamento forçado.

– Tive vontade de desistir. Mas pensar em todo o trabalho que foi abrir um restaurante me fez mudar de ideia. Foi difícil, mas reconhecemos. A (Rua José) Montauray tem seu charme, por isso estamos esperançosos – aponta o comerciante.

A cheia superou 1m30cm naquele setor onde o restaurante

está estabelecido desde 2020. Só ele restou. Outros três serviços de alimentação, uma loja de artigos esportivos e uma agência governamental são silêncio e sombra.

Movimentação

Cruzando a Borges de Medeiros, no outro extremo da Montauray, a fresta baixa de uma cortina metálica permite ver a movimentação de trabalhadores, com escadas e latas de tinta. O bazar de variedades tinha reforma já programada, mas a cheia exigiu a antecipação do plano, explica o responsável pela manutenção, Cláudio Santos, 44 anos.

Ao cruzar a Praça XV de Novembro, a cena se redesenha na Rua Otávio Rocha: placas, anúncios, oportunidades e mais relatos de perseverança.

– Perdemos produtos e equipamentos, mas jamais cogitamos fechar. Lamentamos muito ao ver esses negócios que não tiveram a mesma sorte. Prefiro ver as lojas ocupadas por concorrentes. Comércio puxa comércio – define Orides Selau, 62, gerente há mais de 40 anos de uma casa de vestuário masculino fundada em 1935.

A imagem se repete em outros locais. General Vitorino, Marechal Floriano Peixoto, Vigário

“O Centro é o ambiente mais sortido e consolidado para o atendimento às demandas de consumo.”

Júlia Tavares
Secretária de Desenvolvimento Econômico e Turismo

José Ignácio, Dr. Flores, Voluntários da Pátria e Júlio de Castilhos têm fachadas obscurecidas pela inatividade. Nem mesmo a Rua da Praia, em sua tradição e beleza, escapou do fenômeno. Em endereço nobre, no térreo frontal da Galeria Chaves Barcellos, o ponto comercial que já hospedou grifes hoje está desocupado.

– Nossa estimativa é de que cerca de 15% a 20% destes negócios impactados ainda não retomaram as atividades. Alguns, infelizmente, não voltarão a fun-

cionar – descreve o presidente do Sindilójas, Arcione Piva.

Basta andar pelas ruas e calçadas bicentenárias da primeira ocupação humana e econômica da Capital para observar tal situação.

– O grande desafio é atrair mais pessoas para circular, coadunecer a oferta de produtos, serviços e consumir nos empreendimentos do Centro. Indisponibilidade do aeroporto e do trensub, redução na oferta de coletivos urbanos e metropolitanos, aluguéis elevados e concorrência das vendas online são componentes deste cenário desafiador – analisa Piva. —

Estímulos à recuperação

• Além da restauração da mobilidade, Arcione Piva cita a recomendação do Sindilójas pela adoção de valores mais amigáveis para os aluguéis, a defesa da conversão de prédios comerciais em residenciais e a integração com o poder público em pautas comunitárias de segurança e infraestrutura, como estímulos à recuperação do Centro.

• Pelo setor público, incentivos fiscais e as obras de qualificação urbanística do espaço denominado Quadrilátero Central (pelos quais estão sendo renovadas estruturas de pavimento, drenagem pluvial e iluminação) agregam-se ao esforço de recuperação.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: ZH em Foco Pagina: 4